

FHC critica descontrolado dos fluxos financeiros

Em discurso no Congresso chileno, presidente volta a defender reforma do sistema financeiro mundial

DENISE CHRISPIM MARIN
Enviada especial

VALPARAÍSO, Chile – O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem, em discurso no Congresso Nacional do Chile, que há sete anos vem alertando sobre a necessidade de os países adotarem medidas para pôr fim à volatilidade dos fluxos financeiros. O presidente valeu-se do discurso para reforçar suas teses em favor da reforma do sistema financeiro mundial e de maior simetria no comércio entre países ricos e pobres.

Em princípio, o espaço reservado para a apresentação de seus pontos de vista seria a Conferência das Nações Unidas sobre o Financiamento ao Desenvolvimento, que se realiza nesta semana em Monterrey, México, e para a qual Fernando Henrique cancelou sua participação.

O presidente reforçou em seu discurso no Congresso Nacional do Chile que a primeira vez em que defendeu o controle dos fluxos financeiros foi em sua visita a Santiago, no seu primeiro mandato. Ele ressaltou que o problema se agravou nos anos que se seguiram e a migração de capital especulativo de forma irracional provocou as crises do México, do Sudeste Asiático, da Rússia, do Brasil e, recentemente, da Argentina. “A questão continua em aberto, sem que se tenha avançado um passo sequer rumo à maior previsibilidade dos movimentos de capital.”

Fernando Henrique lembrou que não faltaram, ao longo da década, propostas para fazer frente a essa questão. Em referência direta aos Estados Unidos, o presidente destacou que houve ausência de “sensibilidade política por parte dos Estados com maior influência sobre as instituições multilaterais de crédito”.

Assimetrias – O presidente voltou a insistir nas teses que defendeu na reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Fortaleza, de reforma nos critérios do Fundo Monetário Internacional (FMI) sobre os direitos de saque dos países membros e de critérios para a compatibilização de suas dívidas. “São questões práticas que merecem respostas efetivas”, afirmou.

Fernando Henrique explicou que a satisfação dessas expectativas poderá permitir um perfil mais “humano e solidário” ao processo de globalização. Ressal-

tou ainda que não se trata de pôr em discussão a lógica de mercado, mas de criar regras mais equilibradas para que os Estados possam explorar suas vantagens comparativas.

Outro tópico reforçado pelo presidente foi a correção das assimetrias existentes no comércio e nas finanças entre países ricos e pobres. Nesse ponto, Fernando Henrique enfatizou que a negociação da nova rodada da Organização Mundial do Comércio deverá permitir avanços. O presidente reiterou que o Brasil não vê outra razão para avançar no livre comércio senão a garantia de maior acesso ao mercado dos Estados Unidos, o que significa um resultado simétrico para essas negociações.

Fernando Henrique vem defendendo essas teses em todas as conferências internacionais de que tem participado nos últimos anos. Em 2001 endereçou cartas aos líderes dos países desenvolvidos, nas quais defendeu as mesmas questões. Ele também reforçou esses tópicos em seu discurso na sessão de abertura da Assembléia Geral da ONU em novembro, e em fevereiro deste ano na reunião de cúpula da Governança Progressiva, em Estocolmo.

Democracia – Em seu discurso, Fernando Henrique afirmou que a democracia guarda uma estreita afinidade com a causa do desenvolvimento. Segundo ele, os regimes democráticos têm método próprio para definição de políticas públicas, inclusive aquelas que dizem respeito à gestão da economia, e costumam apoiar suas decisões em prévias negociações em espaço público.

“Daí a credibilidade de que se revestem, na democracia, as normas balizadoras da atuação do mercado”, afirmou o presidente. “As políticas econômicas deixam de refletir a onisciência de tecnocratas e passam a representar a depuração de interesses legítimos, um verdadeiro concerto de vontades, entre as quais a do próprio governo, mas também a dos empresários e trabalhadores.”

O presidente apresentou, como exemplo, a aceitação do Plano Real pela população brasileira. Fernando Henrique reiterou que o respeito às liberdades públicas e à democracia tornou-se requisito para a participação do Mercosul e orientação para todos os países da América do Sul e da Alca. “Da Terra do Fogo ao Alasca, o desvio democrático é agora penalizado com o ostracismo. Isso significa o reconhecimento generalizado da importância dos direitos humanos, inclusive como princípio de política externa.”

No discurso feito no Congresso

Nacional chileno, o presidente falou em espanhol. Ele destacou os laços diplomáticos entre os dois países e os seus próprios vínculos com o Chile, onde viveu em auto-exílio político, no fim da década de 60. O presidente lembrou que quando vivia em Santiago seus filhos falavam em castelhano, “e castelhano do Chile”, dentro de casa. Lembrou ainda que o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, que o acompanhou na visita, também viveu no Chile ao longo de nove anos e que o candidato tucano à sua sucessão, José Serra, igualmente escolheu o país para viver, durante o governo militar no Brasil.



Ed Ferreira/AE

O presidente Fernando Henrique Cardoso passa a tropa em revista ao chegar ao Congresso Nacional do Chile, em Valparaíso